

## DELÍRIO

MAYA BANKS

# DELÍRIO

Tradução de  
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

*Para os amigos fantásticos que me apoiam sempre.  
Vocês sabem quem são. Adoro-vos!*

## CAPÍTULO 1

Jace Crestwell deu uma palmada no ombro de Gabe Hamilton e, quando ele se voltou, fez-lhe uma careta.

— Já monopolizaste a minha irmã durante muito tempo. É a minha vez de dançar com ela.

Gabe não ficou satisfeito com a interrupção. Ele e Mia tinham passado a última hora colados um ao outro. Afastou-se, contrariado, e Mia sorriu radiante quando Jace ocupou o lugar de Gabe.

Todo o salão de baile do Bentley Hotel estava decorado para o Natal, um sinal de que, acima de tudo, Mia adorava o Natal e de que Gabe faria quase tudo para que a sua noiva fosse feliz.

E Gabe mexia-se depressa quando queria alguma coisa. Mal colocara o anel no dedo de Mia, começara a planear a festa de noivado. Quase como se tivesse medo de que ela mudasse de ideias se as coisas não começassem a desenrolar-se rapidamente.

Jace divertia-se a ver o amigo em apuros por causa de uma mulher. Era estranho que essa mulher fosse a sua irmã, mas Mia estava feliz e isso era tudo o que poderia desejar.

— Estás a divertir-te, maninha? — perguntou Jace, enquanto a fazia rodopiar na pista de dança.

O rosto dela iluminou-se.

— Isto é fantástico, Jace. Tudo isto. É completamente mágico. Nem acredito que Gabe preparou isto tudo tão depressa. É simplesmente... *perfeito*.

Jace retribuiu-lhe o sorriso.

— Ainda bem que estás feliz. Se Gabe não for bom para ti dou-lhe um pontapé no rabo. Já deixei isso bem claro.

Ela semicerrou os olhos.

— Se não me tratar bem, não é contigo que tem de se preocupar. *Eu* mesma lhe darei o pontapé no rabo.

Jace atirou a cabeça para trás e riu-se.

— Não tenho dúvidas. Puseste-o a mexer. Tenho de o admitir.

O rosto de Mia ensombrou-se e Jace franziu a testa, interrogando-se sobre o que poderia deixá-la tão séria numa noite em que devia estar radiante de felicidade.

— Eu sei que abdicaste de muitas coisas por minha causa — disse ela, num tom de voz calmo. — Sempre me perguntei se não casaste nem tiveste filhos por minha causa. — Ele olhou para ela como se ela tivesse perdido a cabeça. — Talvez agora possas parar de te preocupar tanto comigo e, tu sabes...

— Não, não sei — interrompeu ele. Depois, abanou a cabeça. — És maluquinha, Mia. Em primeiro lugar, lá porque vais casar, não vou deixar de me preocupar contigo ou de cuidar de ti. Isso é um facto, por isso, limita-te a aceitá-lo. Em segundo, não achas que se tivesse casado, sobretudo quando eras mais nova, teria *facilitado* as coisas? Para ti e para mim? Terias tido uma figura maternal, em vez de teres ficado presa a um irmão superprotetor e autoritário que foi a tua única fonte de apoio.

Ela parou a meio da dança e lançou os braços à volta dele, abraçando-o com força.

— Não há um único aspeto na maneira como me educaste que eu lamente, Jace. Nem um. Fizeste um excelente trabalho e agradeçerei eternamente todos os sacrifícios que fizeste por mim.

Ele abraçou-a e continuou a abanar a cabeça. Doida. Completamente doida. Ela brilhava de felicidade antecipando o seu casamento com Gabe e queria envolver todas as pessoas de quem gostava nessa aura. Que Deus o ajudasse. Talvez fosse melhor que ele e Ash se escondessem e fugissem.

— Não fiz sacrifícios, Mia. Eu também não me arrependo de nada. Nunca te ocorreu que eu não *queria* casar e ter filhos?

Ela afastou-se, franziu a testa e olhou para o lado na direção de Ash, que se encontrava no lado oposto do salão, ao pé de Gabe.

— Sim, suponho que me ocorreu.

Jace mal conseguiu conter um suspiro. Era evidente que Mia estava a par das suas inclinações sexuais, de ele e de Ash participarem em trios com a mesma mulher. Não era propriamente algo que um irmão quisesse que a sua irmã soubesse sobre a sua vida sexual, mas era a verdade. Não ia desculpar-se pelo seu estilo de vida, mas também não ia falar disso com a irmã mais nova.

— Vive ao máximo e sê livre — disse ele, em jeito de justificação.

Mia franziu a testa e atirou a cabeça para cima.

Jace deu uma risada.

— É o nosso lema. Dos três, de Gabe, meu e de Ash. Mas tu alteraste a situação de Gabe. O que não significa que eu e Ash estejamos desejosos de lhe seguir o exemplo.

Ela revirou os olhos.

— Por amor de Deus. Fazes Gabe parecer um maricas.

Jace aclarou a garganta.

— Se ele enfiar o barrete...

Mia deu-lhe uma pancada no ombro.

— Vou a correr dizer-lhe que disseste isso.

Jace riu-se mais uma vez.

— Ele era bem capaz de assumir que é um maricas *contigo*. O que não é mau. Quero que ele te trate como deve ser.

Foram interrompidos quando Ash se aproximou e envolveu Mia nos braços.

— É a minha vez — declarou. — Gabe não tarda a reclamá-la, por isso, vou exigir a minha dança, agora, enquanto os pais o mantêm ocupado.

Jace inclinou-se e beijou Mia na testa.

— Esta é a tua noite, maninha. Quero que a recordes para sempre. Diverte-te.

O sorriso dela encheu o salão.

— Obrigada, Jace. Adoro-te.

Ele fez-lhe uma festa na face e afastou-se no momento em que Ash a arrastava para longe.

Jace retirou-se para o fundo do salão e ficou ali a observar os acontecimentos da festa. Era pequena, como Gabe e Mia desejaram. Era uma noite para celebrar o amor deles.

Parecia absolutamente foleiro, mas bastava olhar para os dois para se perceber que estavam caidinhos um pelo outro. Ele ainda não tinha a certeza do que sentia por o seu melhor amigo ter um relacionamento com a sua irmã mais nova. Tinham catorze anos de diferença e ele conhecia muito bem as exigências sexuais de Gabe. Arrepiou-se quando se lembrou da cena com que se deparara algumas semanas antes, ao entrar no apartamento de Gabe sem ter avisado. Tinha de se libertar daquelas imagens porque havia coisas que um irmão *nunca* devia ver quando se trata da irmã mais nova.

Ainda o preocupava pensar se Mia saberia realmente onde se estava a meter, mas, ao pé dela, Gabe derretia-se completamente. Caramba, o homem humilhara-se à frente de metade da população de Nova Iorque para a recuperar, por isso, Jace acreditava que Mia seria capaz de lidar com qualquer coisa que Gabe lhe apresentasse. Não ia pensar mais nisso.

Quando varreu a multidão e o ambiente festivo com o olhar, suspirou. Mia era uma parte significativa da sua vida desde que os seus pais tinham morrido num acidente de automóvel. Ela fora uma bebé tardia, mas era adorada por ele e pelos pais. A morte dos progenitores mudara a sua vida e a da irmã.

Numa época em que ele andava na faculdade e em que só se interessava por cerveja, mulheres e diversão com Gabe e Ash, vira-se forçado a assumir a responsabilidade de Mia, que tinha seis anos. Gabe e Ash foram uma grande fonte de apoio para ele e, de certa forma, talvez Mia tivesse consolidado a amizade dos três. Por isso, provavelmente, era adequado que a entregasse aos cuidados do melhor amigo, agora, que ela era adulta e seguia a sua própria vida.

Teria de se adaptar, Mia deixara de ser da sua exclusiva responsabilidade. Ele não tencionava afastar-se, mas as coisas tinham mudado. Ela estava numa relação séria e não iria recorrer a ele quando tivesse problemas. Devia sentir-se aliviado, mas, na realidade, a ideia de que a irmã mais nova já não precisava dele como antes enchia-lhe o peito de dor.

O seu olhar deteve-se numa jovem que tirava os copos e os pratos de cima das mesas. Era a segunda vez que os seus olhos paravam nela naquela noite, apesar de ela não aparecer muitas vezes, apenas esporadicamente para recolher a loiça. Não era uma das empregadas

de mesa. Ele não a tinha visto circular com os tabuleiros de aperitivos ou champanhe. Vestia umas calças pretas, camisa branca e avental.

Observou-a um bom bocado até se aperceber do que o atraía. Ela parecia estar completamente deslocada. E ele não tinha a certeza do que lhe causava essa impressão. Quanto mais olhava, mais lhe parecia que ela parecia uma convidada da festa. E não alguém que limpava o que os outros sujavam. Tinha o cabelo apanhado num carrapito desgrenhado, como Mia usava às vezes, preso por uma mola. O resultado era uma massa de cabelo desalinhado e sensual que implorava que um homem o puxasse e libertasse. Era preto, com caracóis rebeldes, alguns dos quais se escapavam da mola caindo-lhe sobre o pescoço. Era franzina, sem as curvas que ele habitualmente apreciava nas mulheres. Tinha ancas estreitas e seios pequenos, mas provocantes pela forma como faziam pressão contra a camisa branca. De resto, toda ela era pequena. Delicada. Quase frágil.

Quando se virou, presenteando-o com uma visão do seu rosto, ele susteve a respiração. A sua estrutura óssea era pequena. As feições delicadas. As maçãs do rosto muito salientes, quase como se fosse subnutrida, e um queixo pequeno. Mas os olhos dela. Meu Deus, os olhos dela. Eram enormes e sobressaíam-lhe no rosto pequeno. Um tom brilhante de azul. Um azul-choque, como se estivesse a olhar para gelo. Surpreendiam contrastando com a sua cabeleira negra. Era deslumbrante.

Ela afastou-se apressadamente, com os braços deformados sob o peso do tabuleiro onde transportava todos os pratos que tinha levantado das mesas. Ele seguiu-a com o olhar enquanto atravessava a sala e desaparecia na porta destinada ao pessoal da cozinha.

— Não faz o teu género — murmurou Ash ao seu lado.

Jace acordou do devaneio, voltou-se e apercebeu-se de que Ash já tinha acabado de dançar com Mia. Um olhar rápido pela pista indicou-lhe que Gabe voltara a reclamar Mia e que os dois estavam novamente colados. Os olhos de Mia irradiavam alegria e felicidade e ele sentiu aliviar uma parte da tensão anterior. Ela estava em boas mãos. E estava feliz.

— De que raio estás a falar? — perguntou Jace, num tom de voz que denotava alguma irritação.



— Da miúda que anda a levantar as mesas. Vi-te olhar para ela. Caramba, estavas praticamente a despi-la com os olhos. — Jace franziu a testa e permaneceu em silêncio. Ash encolheu os ombros. — Eu sou um predador. E ela é boa.

— Não.

Aquela negação soou com mais ênfase do que Jace gostaria. Ele nem sabia de onde vinha aquela convicção ou porque se sentia tão tenso de repente. Ash riu-se.

— Relaxa. Já lá vai algum tempo. Vou pôr o meu charme a funcionar.

— Não *te* aproximes dela — resmungou Jace.

Mas Ash já se dirigia lentamente para a cozinha, deixando-o ali espedado, com os punhos cerrados ao lado do corpo. Como raio ia explicar ao melhor amigo, com quem frequentemente partilhava mulheres, que não o queria perto dela?

## CAPÍTULO 2

Bethany Willis esfregou as mãos nas calças puídas, fechou os olhos por um momento, vacilando à frente do caixote de lixo que continha todos os restos que ela recolhera no salão de baile. Estava cansada. Tão cansada. E tinha fome. A melhor parte daquele serviço, para além de pagarem em dinheiro, era a comida. Podia levar as sobras e, a julgar pela quantidade de comida a entrar e a sair, ia haver muitas.

Os ricos cometiam sempre excessos. O número de convidados da festa não justificava, de maneira alguma, a quantidade de comida e bebida apresentada. Encolheu os ombros mentalmente. Pelo menos ia ter uma refeição decente, ainda que aquela comida fosse demasiado refinada para o seu gosto. Também haveria que chegasse para Jack.

Foi invadida por uma onda de tristeza e, com a mesma rapidez, foi tomada pela culpa. Não tinha razão para se sentir assim porque Jack voltara. Era o que ele costumava fazer. Desaparecia durante dias e voltava a aparecer, normalmente quando precisava de um sítio para dormir e de um rosto amigo. De comida, de dinheiro... Sobre-tudo, de dinheiro.

Sentiu um aperto no peito porque sabia o que ele fazia com o dinheiro que lhe pedia, ainda que odiasse fazê-lo. Nunca a olhava nos olhos. Baixava o olhar e dizia-lhe:

— Bethy... há uma coisa. Preciso...

E só dizia aquilo. Ela dava-lhe dinheiro porque não podia fazer outra coisa. Mas odiava a forma como ele lhe chamava «Bethy».

Odiava aquele diminutivo que outrora adorara, porque lhe fora dado por alguém que se preocupava com ela. Jack. A única pessoa no mundo que sempre a tentara proteger de tudo. Que queria saber dela. O seu irmão. Não de sangue, mas irmão em todos os sentidos. Ele era dela como ela era sua.

Como podia alguma vez voltar-lhe as costas?

Não podia. Não o faria.

Ouviu um ruído produzido pela porta lateral que dava para o beco onde se despejava o lixo. Olhou para cima e viu Jack encostado à ombreira, com a cabeça inclinada para trás, para poder espreitar para baixo. Jack era assim. Estava sempre preparado para fugir. Nunca entrava numa situação sem estar à cautela ou sem um plano de fuga preparado.

— Bethy — disse em voz baixa.

Ela hesitou porque sabia porque viera. Não disse nada e, em vez disso, meteu a mão no bolso à procura do maço de notas que ali enfiara. Pagavam-lhe metade adiantado. O restante era pago quando terminasse o serviço. Jack ia ficar com a primeira metade. A outra teria de ser suficiente para se alimentar até arranjar mais um serviço e não sabia quando iria acontecer.

Correu para ele, enfiou-lhe as notas na mão e observou, com desconforto, o olhar dele a desviar-se, sem se cruzar com o dela, enquanto enfiava o dinheiro nas calças de ganga velhas e rasgadas. A postura dele era instável. Ela sabia que ele odiava aquela situação. Ela também a odiava.

— Obrigado — sussurrou-lhe. — Estás bem? Tens onde dormir esta noite?

Não tinha, mas não lhe ia dizer. Por isso, mentiu.

— Sim.

Ele ficou menos tenso e acenou com a cabeça.

— Ótimo. Estou a trabalhar nisso, Bethy. Em breve terei um sítio para os dois.

Ela abanou a cabeça, descrente, sabendo que ele dizia sempre aquilo, mas que nunca iria acontecer. Ele inclinou-se e beijou-a na testa. Por um instante ela fechou os olhos e imaginou circunstâncias diferentes. Mas não valia a pena. As coisas eram como eram e desejar que fossem diferentes era desperdiçar energia.

— Vou aparecendo para saber de ti.

Ela anuiu. E quando ele começou a fundir-se com as sombras do beco, ela olhou para cima e disse:

— Tem cuidado, Jack. Por favor!

O sorriso dele era tão sombrio como a noite.

— Tenho sempre, miúda.

Ela viu-o partir e o nó que se formara na garganta aumentou. Que raio. A raiva crescia, mas sabia que era uma emoção inútil. Ela abria e fechava as mãos e começou a sentir aquela impressão. A necessidade, a dependência. Lutava contra ela, mas era uma batalha difícil. Uma vitória que não estava completamente consolidada. Há muito que não pensava nos comprimidos, mas hoje sentia essa necessidade, encoberta pela fome e pela dor emocional. A necessidade de se alhear. Aquela breve janela no tempo em que tudo parecia melhor e mais fácil de gerir. Quando tudo parecia positivo, ainda que fosse apenas por algumas horas.

Não podia voltar àquilo. Lutara muito para se libertar e perdera tudo pelo caminho. Algumas pessoas podiam dizer que isso ainda lhe dava mais motivos para se deixar escorregar para o seu passado escuro. Mas tinha de ser forte. Ela já não era aquela pessoa.

— É o teu namorado?

A pergunta surpreendeu-a e virou-se. Quando viu o homem que estava na cozinha a olhá-la fixamente, o seu coração acelerou.

Era um dos ricos. Um convidado da festa. Não era um convidado qualquer, pois vira-o muito perto do casal cujo noivado estava a ser comemorado. E, meu Deus, o homem era lindo. Insinuante. Elegante. Como se tivesse acabado de sair de uma revista destinada exclusivamente a tudo o que é belo e rico. Um mundo ao qual definitivamente ela não pertencia.

Ele enfiou as mãos nas suas calças dispendiosas e continuou a fitá-la, com uma pose indolente e arrogante. Os seus olhos verdes percorreram-na quase como se estivesse a questionar-se se a consideraria digna. De quê? Da sua atenção? Que pensamento ridículo.

Tinha cabelo loiro. E ela nunca se sentira realmente atraída por homens loiros. Mas o cabelo dele não era apenas loiro. Tinha pelo menos quatro tonalidades diferentes, da cor da terra ao trigo, com todos os tons intermédios. Era tão lindo que olhar para ele até doía.

— Não me respondes? — perguntou delicadamente.

Ela abanou a cabeça em silêncio e, para sua surpresa, ele riu-se.

— Isso quer dizer que não me respondes ou que não é teu namorado?

— Ele não é meu namorado — sussurrou-lhe.

— Ainda bem que não — murmurou ele.

Ela pestanejou, completamente surpreendida, e semicerrou os olhos quando ele se aproximou. Afastou-se rapidamente para o lado, para não ficar entalada contra a porta. Não se podia ir embora, por isso, fugir estava fora de questão. Precisava desesperadamente da outra metade do pagamento e queria a comida. Mas quando ele se aproximou mais e entrou no seu espaço pessoal até a sua pulsação se tornar instável, ela começou a olhar para o beco, subitamente indiferente ao facto de receber ou não o dinheiro.

— Como te chamas?

Ela olhou para ele.

— Hum, isso é importante?

Ele fez uma pequena pausa, inclinou a cabeça para o lado e respondeu:

— É, sim.

— Porquê?

— Porque nós não costumamos foder mulheres que não sabemos como se chamam — respondeu ele, abertamente.

Eh lá. Havia tantas coisas erradas naquela frase que ela nem sabia por onde começar. Ergueu a mão, num gesto espontâneo de defesa, para que ele não se aproximasse mais.

— Nós? — perguntou-lhe. — *Nós?* Está a falar de quê? *Nós*, quem? E eu não vou foder com ninguém. Nem consigo. Nem com esse *nós*. Nem com eles. Seja com quem for.

— Jace quer-te.

— Mas quem é o raio desse Jace?

— E eu decidi que também te quero.

Ela quase não conseguiu conter um grunhido de fúria. Por pouco. Rangeu os dentes e partiu para o ataque.

— Eu não vou tolerar assédio sexual no trabalho. Vou apresentar queixa e, a seguir, vou pirar-me daqui.

Ele limitou-se a sorrir e a estender a mão para lhe tocar no rosto, o que a deixou ainda mais surpreendida.

— Acalma-te, querida. Eu não te estou a assediar. Estou a fazer-te uma proposta. É muito diferente.

— Só se for no seu dicionário.

Ele encolheu os ombros, como se não se importasse muito que ela concordasse.

— Mas quem é esse Jace? — repetiu ela. — E quem é você? Não se faz uma proposta a uma mulher sem lhe dizer como se chama. E diz você que tem problemas em ir para a cama com uma mulher de quem não sabe o nome? O que se passa consigo? Nem sequer se apresentou.

Ele riu-se uma vez mais e aquela sensação era tão boa que queria ficar presa a ela para sempre. Era um som de felicidade que a fazia sentir-se melindrada, amargurada e ciumenta como se fosse morrer de inveja. Aquele homem não tinha problemas. Só tinha uma preocupação: decidir com quem ia dormir a seguir.

— Eu chamo-me Ash. Jace é o meu melhor amigo.

— Eu chamo-me Bethany — disse ela, com relutância. A seguir, semicerrou os olhos. — E vocês, os dois, «querem-me»?

Ele acenou com a cabeça.

— Sim. Não é assim tão fora do comum. Nós partilhamos mulheres. Muitas vezes. Fazemos trios. Já alguma vez participaste num? Se ainda não o fizeste, garanto-te que vamos proporcionar-te uma experiência que nunca esquecerás.

As narinas dela dilataram.

— Sim, já participei. Não é nada de especial.

Algo brilhou nos olhos dele. Ela percebeu que o surpreendera. E depois? Ele tinha de estar preparado para ouvir aquela resposta quando fizesse propostas indecentes.

— Nesse caso, provavelmente, andas a foder os homens errados.

Ela esbugalhou os olhos porque não sabia o que responder. Era certo que se habituara a ir para a cama com os homens errados. Ele não tinha descoberto a pólvora.

— Ash.

O som explodiu na área contígua da cozinha. Bethany virou a cabeça para cima e viu outro homem ao pé da porta. O seu olhar pensativo e sombrio parecia arrancar a pele de Ash, que, ao contrário dela, não parecia muito incomodado por o amigo estar evidentemente furioso.

Era o tipo que apanhara a olhar para ela quando entrara na sala para levantar as mesas. Duas vezes. Sentira o seu olhar em cima dela. A gravar um percurso sobre a sua pele, até que estremecera com a intensidade. Enquanto Ash era mais leve, despreocupado, do género *eu sou rico e sei disso e não tenbo de fazer nada que não me apeteça*, aquele homem era... era o oposto do amigo.

*Intenso* não era a palavra certa. Não o descrevia nem de longe. Ele parecia um rufia da pior espécie e ela conhecia bem os rufias. Tinha muita experiência com homens na rua e da rua para saber que preferia arriscar-se com o diabo que já conhecia do que ter aquele homem a perfurá-la com os olhos.

Tinha cabelo e olhos escuros. Uma cabeleira enorme. Despen-teada, rebelde e comprida. Caiu-lhe um caracol sobre a testa e ela imaginou-o a puxá-lo para trás, impaciente, sem se importar se o despenteava mais. O cabelo cobria-lhe o pescoço, o que lhe dava um ar selvagem e indomável que provavelmente fazia as mulheres terem vontade de o tentar domesticar. Tinha a pele bronzeada. Não era o bronzeado falso, típico dos meninos bonitos, metrossexuais. Havia nele uma certa rudeza e, apesar de transpirar riqueza e requinte como Ash, era um requinte diferente.

Enquanto Ash exibia a sua riqueza como uma segunda pele, como se tivesse vivido sempre assim, este homem parecia ter acumulado riqueza mais tarde e não se sentia tão confortável como Ash. Era uma avaliação ridícula, mas era uma avaliação. Havia algo perigoso naquele homem. Alguma coisa que a fazia ficar alerta.

— Jace — replicou Ash num tom suave. — Esta é Bethany.

Oh, merda. Merda. Merda. Merda. Aquele era o tipo dos trios? O melhor amigo de Ash? O homem incluído na proposta indecente que Ash acabara de lhe fazer?

À medida que avançava, Jace comprimiu os lábios. Bethany recuou instintivamente.

— Estás a assustá-la — disse Ash, num tom de reprimenda.

Para surpresa de Bethany, Jace deteve-se, mas continuou a trespassar Ash com o olhar. Pelo menos não lhe estava a fazer o mesmo.

— Eu disse-te para não fazeres isto — exclamou Jace, num tom de voz baixo e furioso.

— Pois, bem, eu não te ouvi.

Bethany estava completamente baralhada. E quando Jace se voltou para ela, viu que havia alguma coisa no seu olhar que a fez suster a respiração.

Interesse.

Não se tratava simplesmente do olhar que um homem dirigia a uma mulher quando a queria comer. Era diferente, mas ela não conseguia decifrar o que se tratava. No entanto, ele passara a noite a observá-la. Ela sabia-o porque também o observara.

— Peço desculpa — começou Jace.

— Essa oferta inclui jantar? — perguntou ela.

Ficou imediatamente envergonhada, mas, no momento em que ele olhou para ela, soube que não queria que se fosse embora. Hoje não. Hoje, ela queria uma noite ao sol. Onde houvesse calor e não acontecessem coisas más. Queria uma noite para esquecer a sua vida, Jack e todos os problemas que lhe traziam. Aquele homem era capaz de lhe dar isso. Estava certa. E se ele vinha com Ash, teria de o aceitar também. Não queria sair daquele hotel para o frio e para aquilo que a esperava.

— O quê?

Jace olhou-a como se ela se tivesse transfigurado. Uniu as sobrancelhas e o seu olhar tornou-se ainda mais penetrante, como se a vísse do avesso.

Ela apontou para Ash.

— Ele disse que queriam fazer um trio. Estou a perguntar se a oferta inclui jantar.

— Claro — respondeu Ash, num tom de voz que parecia mostrar que se sentira insultado.

— Então, tudo bem — disse ela, antes que mudasse de ideias. Ela sabia que era uma estupidez. Sabia que estava a fazer uma das



coisas mais estúpidas que alguma vez fizera, mas não ia recuar. — Tenho de acabar o meu trabalho primeiro — acrescentou.

Jace permaneceu ali, em silêncio, pensativo, sem que o seu olhar a abandonasse um só momento. Nem para olhar para Ash. Nem para outro lado. Estava fixo nela.

— Não tens nada — disse Ash. — Podes sair quando quiseres. Ela abanou a cabeça.

— Só recebo a segunda metade do pagamento quando terminar. Tenho de acabar.

— A festa está quase no fim. Gabe não vai ficar na porra de uma pista de dança quando o que realmente quer é levar Mia para casa, para a cama — disse Ash. — Eu pago-te a segunda metade.

Bethany sentiu frio e recuou, com a cara gelada. Depois, abanou a cabeça.

— Mudei de ideias.

— Mas que raio? — perguntou Ash.

Jace continuava ali parado. Em silêncio e intimidante, sempre a olhar para ela. Era enervante e, de súbito, a porta do beco parecia-lhe cada vez mais atrativa.

— Eu não estou à venda — disse em voz baixa. — Eu sei que pedi o jantar. Não o devia ter feito. Vocês estão a propor-me sexo. Mas eu não vou ser paga por isso.

Foi assaltada pela dor. De memórias distantes, sem decadência. Escolhas. Consequências. Tudo flutuou até que uma escuridão tenebrosa e impenetrável a rodeou. Um dia. Um só dia ao sol. Mas o sol não era para ela. Nunca fora.

Jace deixou escapar um palavrão, baixo, murmurado. Era o primeiro som que produzia ao fim de muito tempo. A seguir, comprimiu os lábios. Estava furioso. Olhou de lado para Ash e foi nessa altura que ela percebeu que era com o amigo que ele estava furioso. *Verdadeiramente* furioso.

— Eu disse-te para não fazeres isto — grunhiu. — Vai-te foder. Devias ter-me dado ouvidos.

A situação estava a piorar. Era evidente que Ash queria ação. Jace não. Ash queria aproximar-se dela. Jace não. Aquilo poderia tornar-se mais humilhante?

— Tenho de regressar ao trabalho — disse ela, recuando apressadamente até ver o caminho para a porta que dava acesso ao salão de baile ser-lhe barrado.

De repente, ali estava Jace, a deslocar-se, a barrar-lhe a liberdade. Estava tão perto que o podia cheirar e sentir o calor dele a envolvê-la, e sabia-lhe tão bem que queria fazer uma coisa realmente estúpida e encostar-se. Só para sentir aquela sensação na pele.

Os dedos dele deslizaram-lhe sob o queixo, num toque tão meigo que ela não conseguiu deixar de reagir, deixando-se levar até os seus olhos se encontrarem.

— Termina o teu trabalho. Nós esperamos. Depois vamos jantar. Apetece-te alguma coisa em particular? E queres sair ou comer no quarto do hotel?

Ele formulou as perguntas com cuidado. Parecia falar com intimidade. Não olhou para Ash uma única vez. Fitava-a e ela estava demasiado fascinada para desviar os olhos. E esqueceu-se rapidamente de que tinha mudado de ideias sobre dormir com eles.

Libertou-se da intensidade daquele momento e olhou para baixo, analisando as suas roupas. Não podia ir a casa trocar de roupa. Não tinha casa. Nem roupa. Pelo menos não tinha nada para vestir que se adequasse aos lugares que os dois frequentavam. Aclarou a garganta.

— No hotel está ótimo, não me importo. Desde que esteja quente e saiba bem, eu como. Não quero nada demasiado sofisticado. Na verdade, o que me apetece mesmo é um hambúrguer. Com batatas fritas.

Dava tudo para comer aquelas duas coisas já.

— E sumo de laranja — concluiu, apressadamente.

Os lábios de Ash mostraram o seu divertimento, mas Jace continuava extremamente sério.

— Hambúrguer. Batatas fritas. Sumo de laranja. Acho que consigo — disse Jace. Depois, olhou para o relógio. — Daqui a quinze minutos as pessoas já terão saído. De quanto tempo precisas para acabar?

Ela pestanejou.

— Hum, nem toda a gente sai daqui a quinze minutos. Quero dizer, mesmo que os convidados de honra saiam, há sempre pessoas

que ficam mais um bocado. Especialmente quando há comida e bebidas.

Ele interrompeu-a, antes que ela tivesse oportunidade de dizer mais alguma coisa.

— Quinze minutos, Bethany. E eles saem.

Era uma promessa. Ele não estava a especular.

— De quanto tempo precisas? — perguntou ele, impaciente.

— Trinta minutos, talvez? — calculou.

Ele voltou a tocar-lhe, os seus dedos deslizaram-lhe pela face, até à têmpora, onde brincou com uns anéis de cabelo soltos que se tinham libertado da mola.

— Nesse caso, vemo-nos dentro de meia hora.